

Nunca me dizem nada

Priscila Loyde G. Figueiredo¹

(“O Rafael vai ser solto amanhã, sexta”, eu disse. Ela respondeu de forma resignada: “Nunca me dizem nada”. Seus rins doíam tanto que acabara de voltar do médico.²)

O Rafael vai ser solto amanhã
avisou, em visita, a jornalista
E a mãe, mal disfarçando
o orgulho já ferido
por saber de segunda mão
estranha e tão mais fina
a notícia que aguardara tanto
então se queixa
mais que se resigna:
“Nunca me dizem nada”

Nunca lhe dizem nada!
é sempre nunca
é sempre nada
são sempre *eles*

1 Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

2 Juliana Passos, “Uma mãe à espera – a volta de Rafael Braga para a casa”, revista *Piauí*, 19/09/2017.

Mas os rins lhe doíam tanto
doíam tanto...
como um cinturão apertando as ideias
e a memória
Fora por tanta coisa que esperou...
foram tantos os chamados
por que despertou mais cedo
e desviando de sua rota
jamais chegaram

Muitos foram os que
evaporaram na madrugada
mas cujo rumor
ela jurava ter ouvido

de dentro dos sonhos
ou remando no ar
*(é sempre nunca
é sempre nada)*

Tossindo muito
ele se aproximou da casa
fraco, mutilado de guerra
com um envelope cheio
de remédios entre os dedos --
não devia ter ouvido a mãe dizer
“Justo agora
que ia tomar o meu café!”

Quase não era justo
que agora abrisse mão
dos míseros minutos –
comparados a um ano inteiro
desde que o filho estivera preso –
dedicados ao café
rotineiro e ritual:
quantas vezes, quantas
se preparou em vão
perseverou, andou, andou
tão constante quanto leviano
era o processo no tribunal?

Sobre a mesa
inesperados
como os repórteres todos
os gerânios ainda ouviam –
nunca me dizem nada...
desaparecido no ar